

O ARQUIVO JOAQUIM NABUCO



Exlibris – Joaquim Nabuco

1 ACERVO JOAQUIM NABUCO

1.1 Formação

Doado pela família Nabuco ao então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, atual Fundação Joaquim Nabuco, em 1974.

1.2 Descrição

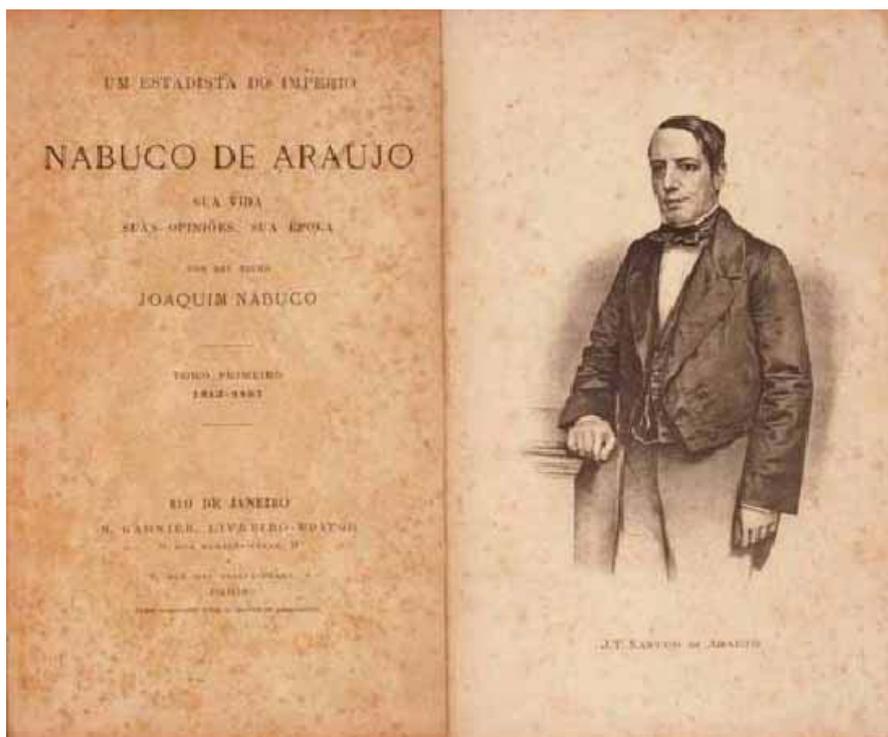
O Arquivo constitui-se aproximadamente de:

- 370 documentos bibliográficos (obras de sua autoria e da sua biblioteca pessoal, entre livros, opúsculos e artigos de revistas);
- 14.850 documentos textuais (manuscritos e impressos); iconográficos (fotografias e pinturas);
- 09 objetos pessoais.
- Microfilme: 39 rolos
- Acervo Digital: 37 títulos de livros e opúsculos acessíveis na página eletrônica da Fundaj (www.fundaj.gov.br); e no Portal Domínio Público do Ministério da Educação – MEC (www.dominiopublico.gov.br).

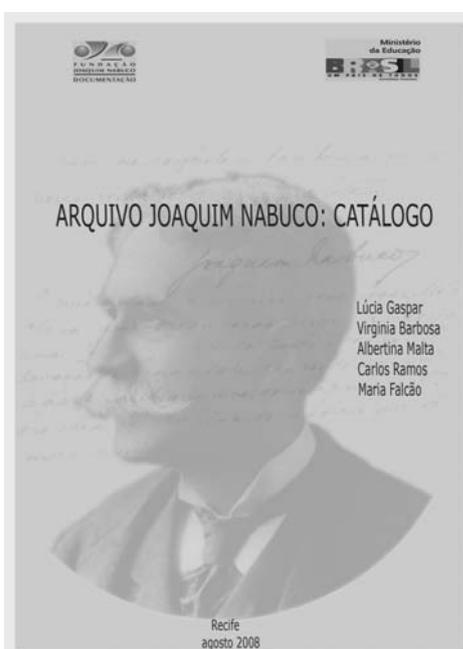
2 JOAQUIM NABUCO, DOCUMENTALISTA E HISTORIADOR

... meu Pai, o terceiro senador Nabuco, tinha o costume desde jovem de guardar tudo que lhe dizia respeito, as cartas e papéis por ele recebidos e a cópia da correspondência que expedia; mais tarde, para os seus trabalhos do Ministério, do Senado, do Conselho de Estado, da Advocacia, foi formando o que ele chamava *pecúlios*, grandes volumes em que coligia e repartia, sobre diferentes assuntos da administração, da política ou do direito, opúsculos, artigos de jornais e de revistas, cartas, manuscritos, notas. Tudo isso constituía um vasto material, acumulado como fora durante perto de quarenta anos. Com a sua biblioteca, esse arquivo absorveu parcela por parcela sua existência, toda de gabinete, de pensamento, de trabalho intelectual incessante. Não podia eu por minha vez manuseá-los sem sentir nesses papéis a presença do seu espírito, sem compreender que eles eram os fragmentos de sua vida, que ela devia achar-se ali inteira, completa para quem pudesse reconstruir, e que era preciso que alguém um dia a desprendesse deles. Foi o receio de que, se eu mesmo não o fizesse, nunca fosse utilizada essa para mim preciosa coleção que me decidiu a empreender a obra da qual hoje concluo o primeiro tomo.

Joaquim Nabuco, Rio de Janeiro, dezembro de 1896.
Prefácio de Um estadista do Império, tomo I.



Um estadista do Império, 1896.



SUMÁRIO	
1 - Apresentação	
Joaquim Nabuco e a sonhada Biblioteca	
13 de Maio, Rita de Cássia Barbosa de Araújo	2
2 - Nota Explicativa	5
3 - Cronologia, Manuel Correia de Andrade	6
4 - Documentos de Autoria de Joaquim Nabuco	
4.1 - Livros e Opúsculos	11
4.2 - Artigos de Periódicos	24
4.3 - Manuscritos	41
5 - Documentos sobre Joaquim Nabuco	
5.1 - Livros, Opúsculos e Artigos de Periódicos	42
5.2 - Manuscritos	131
5.3 - Iconografia	131
5.4 - Audiovisuais	141
5.5 - Diplomas	142
5.6 - Objetos Pessoais	144
6 - Biblioteca Pessoal de Joaquim Nabuco	145
7 - Jornal O Abolicionista, Rio de Janeiro	152
8 - Índice de Autor e Título	153

R E C I F E
Agosto 2008

Disponível em: www.fundaj.gov.br

3 JOAQUIM NABUCO E A SONHADA BIBLIOTECA 13 DE MAIO*

Rita de Cássia Barbosa de Araújo

Historiadora e diretora de Documentação da Fundação Joaquim Nabuco

Em *Minha formação*, obra publicada em 1900, Joaquim Nabuco dedica especial atenção às recordações de sua infância e juventude. Àquela fase que considera decisiva na sua formação — anos estruturadores de sua personalidade e que definiram sua trajetória de vida quando homem adulto. Nessa obra, mais que em qualquer outro de seus escritos, a memória pessoal e a importância por ele atribuída às impressões retidas nos primeiros vinte anos de vida — impressões de paisagens, do convívio familiar, das relações sociais, de poder e interétnicas — são evocadas em toda sua força e plenitude.

Mas, assim como está convicto da importância da memória pessoal na sua formação, Joaquim Nabuco mostra-se certo também da necessidade de compor arquivos, de preservar e difundir a memória social. Memória que se encontra quase sempre dispersa, registrada em fragmentos; inscrita em documentos, livros, folhetos, fotografias, jornais, cartas. Entende-a como instrumento fundamental para a compreensão da História, para o conhecimento do real e para a construção do futuro.

Sua clara percepção em relação ao valor dos arquivos históricos leva-o a empreender duas grandes tarefas: a de escrever uma história do Império utilizando como fonte principal o arquivo privado formado por seu pai ao longo da vida — trabalho que resulta na sua obra histórica fundamental, *Um estadista no império, Nabuco de Araújo, sua vida, suas opiniões, sua época* (1896); e a tarefa de construir a *Biblioteca 13 de Maio*, que deveria reunir farto, esparso e variado material testemunho do movimento Abolicionista no Brasil:

Pretendo dedicar meu tempo disponível a reunir os elementos para a história do movimento Abolicionista em nosso país, e como o seu contingente foi um dos mais importantes para a rápida determinação que ele teve, venho rogar-lhe o obséquio de auxiliar-me na tarefa que vou encetar. Os documentos, papéis; fotografias, etc que me comunicar serão cuidadosamente guardados. Eu penso que faríamos bem em reunir toda a coleção abolicionista de livros, folhetos, jornais da época, retratos, gravuras, etc, em uma só biblioteca, onde pudessem no futuro ser consultados de modo a poder se escrever a história sem deixar na sombra nenhum dos operários e nenhum dos fatos dessa campanha de dez anos. Em qualquer tempo que se quisesse levar por diante essa idéia, toda a coleção que se achasse

* Originalmente publicada In: Arquivo Joaquim Nabuco: catálogo. Recife: Fundaj, Didoc, 2008. p. 2. Apresentação. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/geral/NOVOCatlogoJN2008.pdf>.

em meu poder, em virtude do apelo que vou fazer aos abolicionistas, pertenceria de direito à Biblioteca 13 de Maio.

O sonho de Nabuco, narrado em carta ao amigo Antônio Bento, abolicionista de São Paulo — o da criação da *Biblioteca 13 de Maio*, que o revela como um documentalista, ao lado do parlamentar, historiador, diplomata e homem de letras —, tornou-se parcialmente realidade. Os documentos por ele reunidos referentes ao movimento abolicionista no Brasil — somados a outros que guardam registros das grandes questões econômicas, políticas, diplomáticas, sociais e literárias da época, afora aqueles que dizem respeito a aspectos de sua vida privada — foram preservados pela família e doados, em 1974, pelo filho José Tomás Nabuco ao então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, atual Fundação Joaquim Nabuco. O Arquivo, preservado também em microfilme, compõe-se de livros, artigos, discursos, conferências, ensaios e opúsculos, recortes de jornais, correspondências ativa e passiva, documentos pessoais e fotografias, a par de alguns objetos pessoais, abrangendo o período de 1860 a 1910. Parte da documentação encontra-se referenciada no *Catálogo da correspondência de Joaquim Nabuco [ativa e passiva]*, organizado e publicado em quatro volumes pela Fundação Joaquim Nabuco, entre 1978-1988; e pelo *Memória da abolição: catálogo de artigos de jornais do arquivo Joaquim Nabuco, 1871-1901*, organizado e publicado também pela Fundação Joaquim Nabuco.

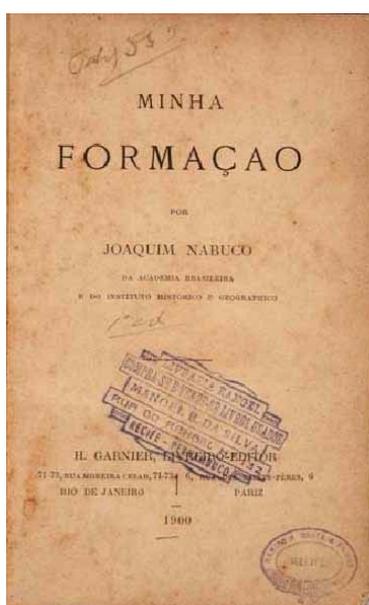
Mas ao receber da mão dos familiares parte significativa do legado de Nabuco — a documentação relacionada mais especificamente à sua atuação enquanto diplomata encontra-se no Arquivo Histórico do Itamaraty; e a relativa à sua vida privada e íntima continua sob os cuidados dos herdeiros, inclusive os originais dos *Diários*, que ganhou primorosa edição das editoras Bem-te-vi e Massangana, em 2005 —, a Fundação Joaquim Nabuco tornou-se responsável não apenas por preservar e difundir a memória de seu patrono, mas igualmente por dar continuidade à tarefa por ele iniciada, agora sob novo enfoque: a de tornar perene e permanentemente atualizada a sua memória; a de reunir, preservar e ampliar as coleções de livros, opúsculos, documentos textuais, iconográficos, audiovisuais que a ele se refiram.

Preservar o patrimônio cultural, porém, só encontra pleno sentido se a serviço da sociedade e quando acessível ao público, àqueles interessados em conhecer o passado, refletir sobre o tempo presente e vislumbrar perspectivas de futuro. Ciente dessa responsabilidade, os bibliotecários e historiadores da Biblioteca Blanche Knopf e do Centro de Documentação e de Estudos da História Brasileira, da Fundação Joaquim Nabuco — Albertina Malta, Carlos Ramos, Lúcia Gaspar, Maria Falcão (estagiária de História) e Virgínia

Barbosa —, organizaram o *Arquivo Joaquim Nabuco - Catálogo*, precioso instrumento de pesquisa que vem ao encontro do anseio do público facilitando a tarefa do pesquisador, guiando-o pelos labirintos de estantes, arquivos e armários entre os quais se poderia perder e em meio dos quais a palavra e o pensamento de e sobre Joaquim Nabuco poderiam permanecer eternamente silenciados. Mais que um guia, o *Catálogo* oferece ao estudioso a possibilidade de identificar o percurso da memória de Joaquim Nabuco ao longo do século XX, a percepção e os sentidos atribuídos à sua obra, à sua ação e ao seu pensamento pelas gerações que o sucederam e, ao assim fazer, permite trilhar por outros caminhos e veredas o que o menino de Massangana e o homem das grandes causas anteviram ou apontaram.

O Arquivo Joaquim Nabuco - Catálogo vem a lume, em versão virtual, por ocasião da passagem dos 159 anos de seu aniversário natalício. Ano também em que o Arquivo Joaquim Nabuco, integrado à Diretoria de Documentação, foi agraciado com o Registro do Comitê Nacional do Brasil *Programa Memória do Mundo Unesco*.

Ao preservar e difundir esse conjunto documental e ao devolvê-lo à sociedade enquanto *Catálogo*, a Fundação Joaquim Nabuco mantém acessa a memória de seu patrono e de seu tempo histórico, alimentando aquilo que, um dia, foi um de seus projetos de vida: a formação da *Biblioteca 13 de Maio*. E o faz seguindo valor e postura tão acalentados por Nabuco: preservar a memória documental para bem servir ao público e para contribuir para o desenvolvimento do conhecimento, para a compreensão da História e para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa, sonho maior que nos deixou.



1900

JOAQUIM NABUCO, MEMORALISTA

ENGENHO MASSANGANA

A terra era uma das mais vastas e pitorescas da zona do Cabo [...]. A população do pequeno domínio, inteiramente fechado a qualquer ingerência de fora, como todos os outros feudos da escravidão, compunha-se de escravos, distribuídos pelos compartimentos da senzala [...], e de rendeiros, ligados ao proprietário pelo benefício da casa de barro que os agasalhava ou da pequena cultura que lhes consentia em suas terras. No centro do pequeno cantão de escravos levantava-se a residência do senhor, olhando para os edifícios da moagem, e tendo por trás, em uma ondulação do terreno, a capela sob invocação de S. Mateus. Pelo declive do pasto, árvores isoladas abrigavam, sob umbela impenetrável, grupos de gado sonolento. Na planície estendiam-se os canaviais cortados pela alameda tortuosa de antigos ingás carregados de musgos e cipós, que sombreavam de lado a lado o pequeno rio Ipojuca. Era por essa água quase dormente sobre seus largos bancos de areia que se embarcava o açúcar para o Recife; ela alimentava perto da casa um grande viveiro, rondado pelos jacarés, a que os negros davam caça, e nomeado pelas suas pescarias. Mais longe começavam os mangues que chegavam até a costa de Nazaré... Durante o dia, pelos grandes calores, dormia-se a sesta, respirando o aroma, espalhado por toda parte das grandes tachas em que cozia o mel. O declinar do sol era deslumbrante, pedaços inteiros da planície transformavam-se em uma poeira de ouro; a boca da noite, hora das boninas e dos bacuraus, era agradável e balsâmica, depois o silêncio dos céus estrelados majestoso e profundo. De todas essas impressões nenhuma morrerá em mim. Os filhos dos pescadores sentirão sempre debaixo dos pés o roçar das areias da praia e ouvirão o ruído da vaga. Eu por vezes acredito pisar a espessa camada de canas que cercava o engenho e escuto o rangido longínquo dos grandes carros de bois...

Minha formação, 1900.

Engenho Massangana



[Casa-grande e capela de São Mateus, do engenho Massangana, Pernambuco, 1995]. Neste engenho, Nabuco viveu os seus primeiros oito anos de vida. Localizado no Cabo de Santo Agostinho, município da Zona da Mata Sul do Estado de Pernambuco. Cedido, em regime de comodato, pelo Governo do Estado à Fundação Joaquim Nabuco. Foto de Severino Ribeiro.

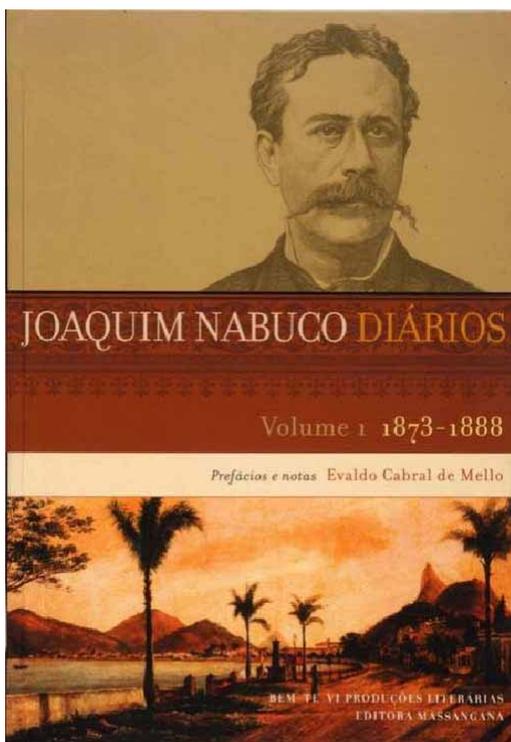
Imagem de São Mateus



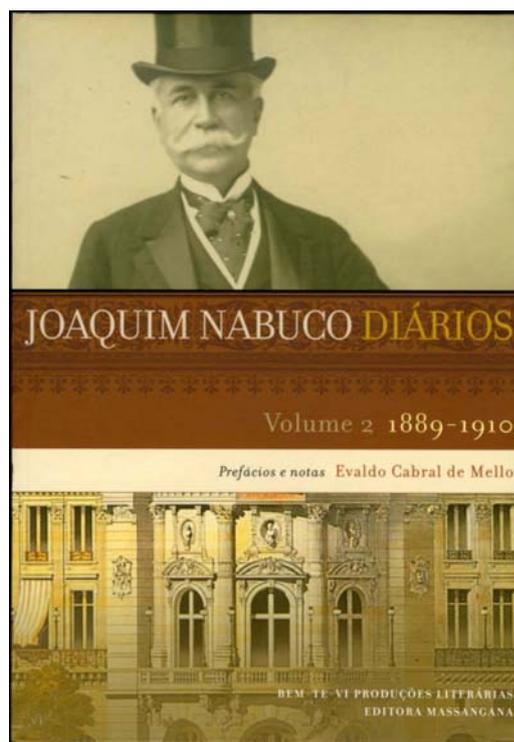
[São Mateus. Escultura em madeira policromada e dourada representando São Mateus, medindo 77,0 cm de altura x 26,0 cm de largura x 27,0 cm de profundidade. Imagem em pé sobre base de madeira, sem indicação de data] [MUHNE].

Tornei a visitar doze anos depois a capelinha de S. Mateus ... (...) Embaixo, na planície, brilhavam como outrora as manchas verdes dos grandes canaviais, mas a usina agora fumegava e assobiava com um vapor agudo, anunciando uma vida nova. A almanjarra desaparecera no passado. O trabalho livre tinha tomado o lugar em grande parte do trabalho escravo. (...) O sacrifício dos pobres negros que haviam incorporado sua vida ao futuro daquela propriedade não existia mais talvez senão na minha lembrança (...).

Minha formação, 1900.



2005



2005

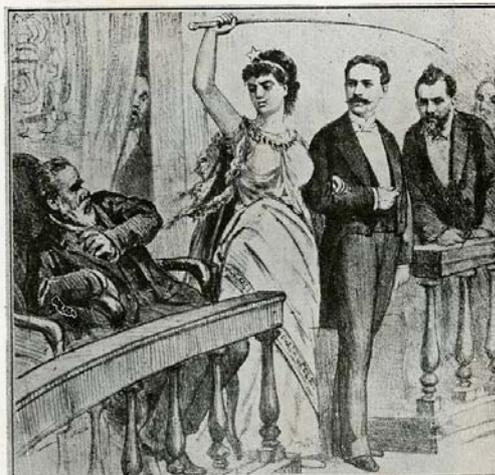
JOAQUIM NABUCO, REFORMADOR SOCIAL

Desde muito moço havia uma preocupação em meu espírito que ao mesmo tempo me atraía para a política e em certo sentido era uma espécie de amuleto contra ela: a escravidão. Posso dizer que desde 1868 vi tudo em nosso país através desse prisma.

Minha formação, 1900.



Chegada de Nabuco ao Rio. 1887. O Mequetrefe — 30 de setembro de 1887.

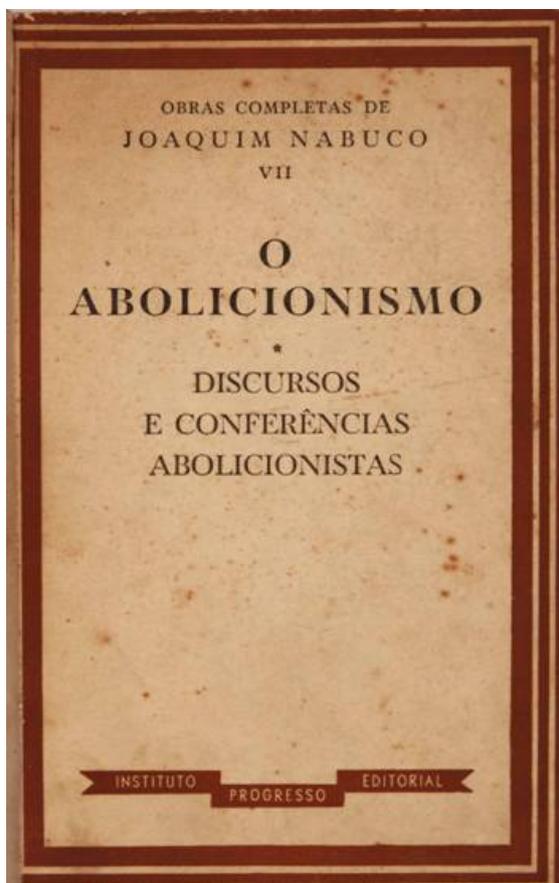


Trazendo de novo no Parlamento o seu legítimo deputado do 1.º e 5.º distrito, a briosa Província de Pernambuco dá uma tremenda lição aos "negreiros" da Câmara, representado pelo seu chefe. (Revista Ilustrada, 13 de Junho de 1885). (Desenho de Agostini).

Trazendo de novo no Parlamento o seu legítimo deputado do 1.º e 5.º distrito, a briosa Província de Pernambuco dá uma tremenda lição aos "negreiros" da Câmara, "representado" pelo seu chefe. (Revista Ilustrada, 13 de Junho de 1885). (Desenho de Agostini)

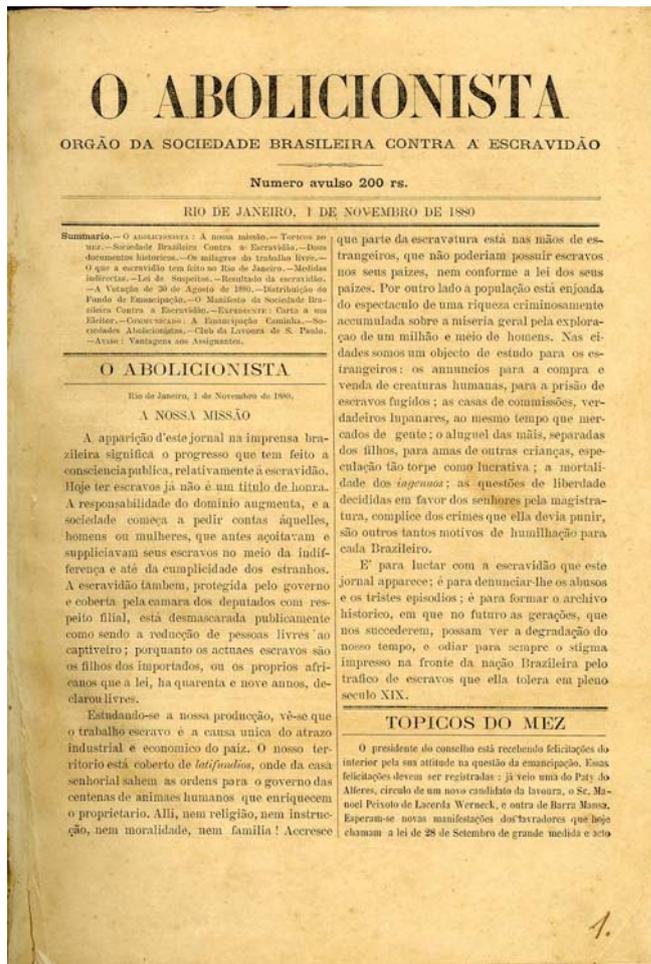
O "negreiro" é o Conselheiro Machado Portela. A esquerda de Nabuco está o grande abolicionista José Mariano, pai de Olegário Mariano.

Revista Ilustrada. Rio de Janeiro, v. 11, n. 427, 1886. Desenho de Angelo Agostini



1949

Sociedade Brasileira Contra a Escravidão Social 1888



O ABOLICIONISTA

ORGÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA CONTRA A ESCRAVIDÃO

Numero avulso 200 rs.

RIO DE JANEIRO, 1 DE NOVEMBRO DE 1880

Sumario.—O ABOLICIONISTA: A nossa missão.—Tropas de mar.—Sociedade Brasileira Contra a Escravidão.—Dados historicos.—Os salarios do trabalho livre.—O que a escravidão tem feito no Rio de Janeiro.—Medidas indifferentes.—Lei de Suspeitos.—Resultado da escravidão.—A votação de 20 de Agosto de 1880.—Distribuição do Fundo de Emancipação.—O Manifesto da Sociedade Brasileira Contra a Escravidão.—Exercicios: Carta a um Escravidão.—Concessão: A Emancipação Camilla.—Sociedade Abolicionista.—Cita da Leitura de S. Paulo.—Aviso: Vantagens aos Assigantes.

O ABOLICIONISTA

Rio de Janeiro, 1 de Novembro de 1880.

A NOSSA MISSÃO

A appareição d'este jornal na imprensa brasileira significa o progresso que tem feito a consciencia publica, relativamente a escravidão. Hoje ter escravos já não é um titulo de honra. A responsabilidade do dominio augmenta, e a sociedade começa a pedir contas áquelles, homens ou mulheres, que antes agoitavam e supplicavam seus escravos no meio da indifferença e até da empulchidade dos estranhos. A escravidão tambem, protegida pelo governo e coberta pela embara dos deputados com respeito filial, está desmascarada publicamente como sendo a redução de pessoas livres ao captivito; porquanto os actuaes escravos são os filhos dos importados, ou os proprios africanos que a lei, ha quarenta e nove annos, declarou livres.

Estudando-se a nossa produção, vê-se que o trabalho escravo é a causa unica do atraso industrial e economico do paiz. O nosso territorio está coberto de latifundios, onde da casa senhorial sahem as ordens para o governo das centenas de animas humanas que enriquecem o proprietario. Ah! nem religião, nem instrução, nem moralidade, nem familia! Acresce

que parte da escravatura está nas mãos de estrangeiros, que não poderiam possuir escravos nos seus paizes, nem conforme a lei dos seus paizes. Por outro lado a população está enjoadá do espectáculo de uma riqueza criminosamente accumulada sobre a miseria geral pela exploração de um milhão e meio de homens. Nas cidades somos um objecto de estudo para os estrangeiros: os annuncios para a compra e venda de creaturas humanas, para a prisão de escravos fugidos; as casas de commissões, verdadeiros lupanares, ao mesmo tempo que mercados de gente; o aluguel das mães, separadas dos filhos, para amas de outras crianças, especulação tão torpe como lucrativa; a mortalidade dos *ingenuos*; as questões de liberdade decididas em favor dos senhores pela magistratura, complice dos crimes que ella devia punir, são outros tantos motivos de humilhação para cada Brasileiro.

E para lutar com a escravidão que este jornal apparece: é para denunciar-lhe os abusos e os tristes episodios; é para formar o archivo historico, em que no futuro as gerações, que nos succederem, possam ver a degradação do nosso tempo, e odiar para sempre o stigma impresso na fronte da nação Brasileira pelo trafico de escravos que ella tolera em pleno seculo XIX.

TOPICOS DO MEZ

O presidente do conselho está recelendo felicitações da interior pela sua attitude na questão da emancipação. Essas felicitações devem ser registradas: já veio uma do Pety do Alferes, circulo de um novo candidato da lavoura, o Sr. Manoel Peixoto de Lacerda Werneck, e outra de Barra Mansa. Esperam-se novas manifestações dos lavradores que hoje chamam a lei de 28 de Setembro de grande medida e acto

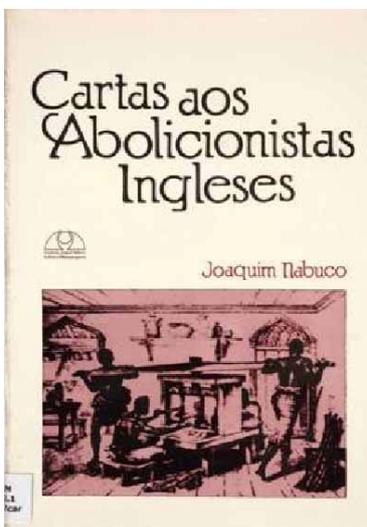
Senhores, a propriedade não tem somente direitos, tem também deveres, e o estado de pobreza entre nós, a indifferença com que todos olham para a condição do povo, não faz honra à propriedade, como não faz honra aos poderes do Estado. Eu, pois, se for eleito, não separarei mais as duas questões – a da emancipação dos escravos e a democratização do solo. (Longos aplausos). Uma é o complemento da outra. Acabar com a escravidão não nos basta; é preciso destruir a obra da escravidão.

Campanha abolicionista no Recife: eleições de 1884: discursos de Joaquim Nabuco.

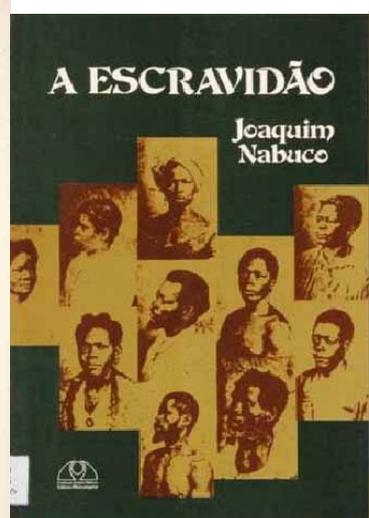


Teatro Santa Isabel. Foto Manoel Tondela, ca. 1905

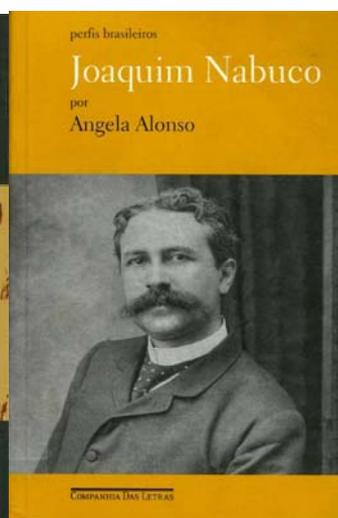
TRABALHOS ATUAIS SOBRE JOAQUIM NABUCO



1985

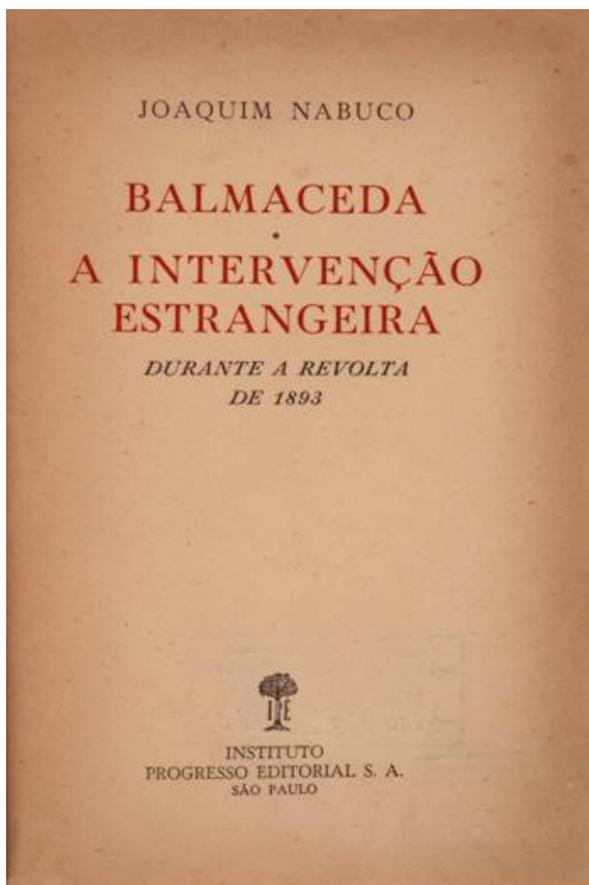


1988

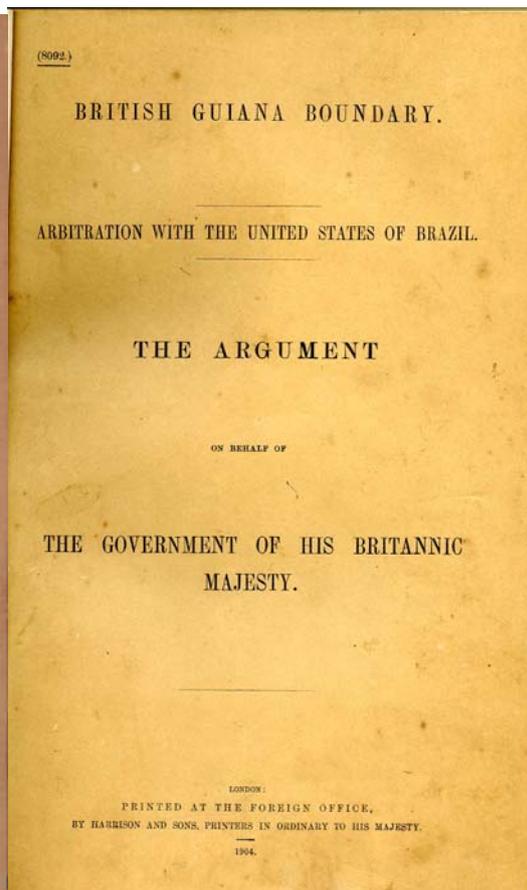


2007

JOAQUIM: ESTADISTA, DIPLOMATA E EMBAIXADOR



1949



1904



[Joaquim Nabuco, no Hotel Saint Petersburg, onde se instalou para trabalhar na questão da Guiana Inglesa, 1904]. Nice, França. Fotografia original, p&b, 12x17cm. [FR 15.210]



[Delegados à III Conferência Pan-americana realizada no Rio de Janeiro, de 21 de julho a 26 de agosto de 1906. Escadaria central do Palácio Monroe, vendo-se Joaquim Nabuco, presidente do conclave, no primeiro plano, com as assinaturas dos delegados]. Foto de Marc Ferrrez. Rio de Janeiro.

DOCUMENTOS TEXTUAIS



Carta de Joaquim Nabuco para Domingos Antonio Alves Ribeiro, Londres, 25 de abril de 1900.

SOCIEDADE BRASILEIRA
CARTA E ENVELOPE

13 de maio 1891

Miquelido Nabuco

70
Ep. 23 dec. (694)
ou 494

Eu tambem quise enviar-te hoje um
grande abraço e infinita gratidão pelo
bem que fizeste pela Libertação da
Paua Abonua no Brazil
Deu abouca, minha abouca de 9 de julho
de 1880... Se brancei sempre por Pedro II
e Isabel; mas elles estao sacrificados de sua obra
e prompto a repetir equal sacrificio para honra do
Brazil e Progresso da Humanidade...

Abraços - no, pois, aos legimos
nem conspulos... Sem os encoders de Noutam, de
hoje e de amanha... Mas ha mais escravos:
a futura portanca a Memencia Rural Brasileira

Sempre do Coracao

U. Mundo publico
no jornal a primeira conferencia
ao novo Imperador - Mea!

Andre
Rebouças

Carta de André Rebouças para Joaquim Nabuco, Cannes, 13 de maio de 1891.

708

Petrópolis 8 de Junho de 1891

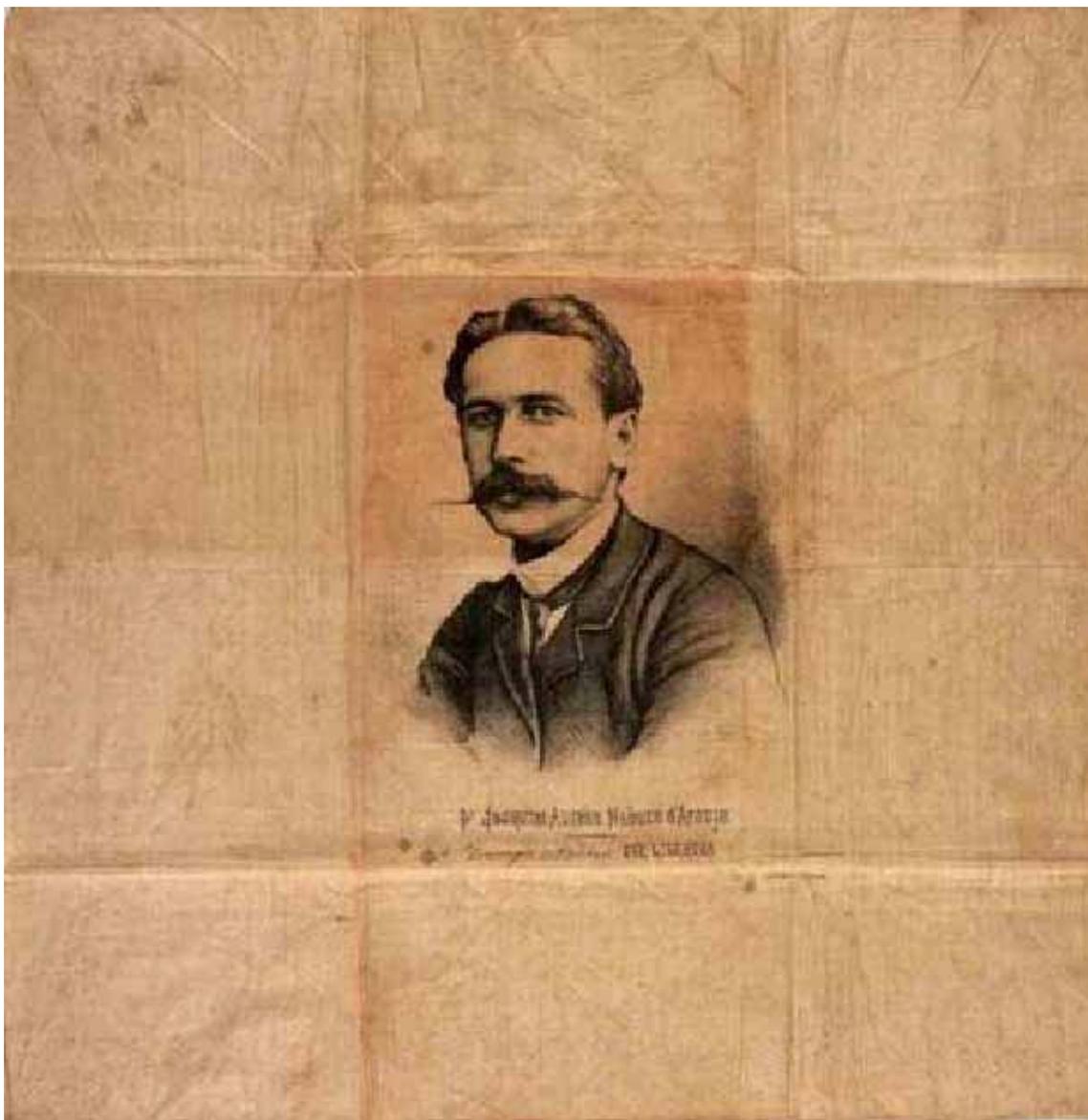
Joaquim Nabuco

708

aportarios - a monarquia. Tambem
esta se pronunciando francamente do papado, acompanhada da bellissima
carta alla - o claro - nuchantito tua. Mensagem a Príncipe, que me manda
preferencias por esta republia de varios transvener. Esta muito verdadeira e
veros, am que o Estado se declare o eloquento. Já ha monti um cupim
um, mas gasta 50.000,000 a pousada, para os artigos reunidos. He o mesmo
de um navio de guerra para lra e conforme teza visto, outra sera e esta
o endaver de avulsos Alacit. Co. agora escaocando tercio, no jornal
ta a Italia. De pader tero conseq. do Brazil. Tuo. isto temo amperado
de Lucena e do sci dicunt presidente, os republicanos. Tambem, por occasia
A voce empizo uma outra - esta de apparecimento da esplendida de
ennado de tanta lucta, eozogor, em d. Officio de Imperador que mandei
terno da unimédrosos a vacillan. publicar no jornal de Comarcas de
tes, am faltar nos artigos colleg. ed d. Alacis papado, voltaras. u. furi.
do linado que se ucam em mim um bundos contra mim e me cobriro
personalidade auida de deteren d. apobos e insultos. Couro curro
ce dos outros e de abin esceppe a quasi toda a imprensa me atacava
repa geral por ambicão pueril e e entantanto não pro duzia uma si
uadn mais. uerueza de seria, limitando - u a vi.
Abuio, abeu. Respeito a loo In tirar - os meus cabellos louros e au
lla monti um exemplar sob con ulador! O hylve Romero de la tra
reis, bem como a Aguedo Castro mes de Imperador e a mim, e ha
O amijo ab? uando - uo de idrotas, uenueptas
Taunay ignorantes e outras amunidades de la

Carta do Visconde de Taunay para Joaquim Nabuco, Petrópolis, 8 de junho de 1891.

DOCUMENTOS MUSEOLÓGICOS

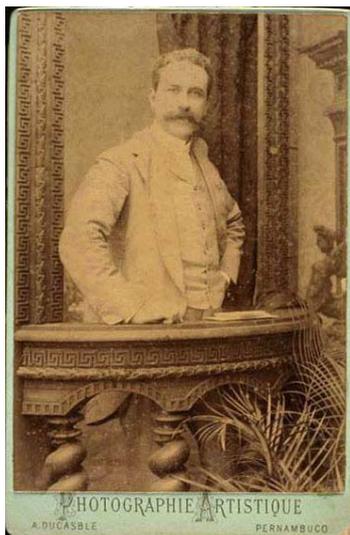


[Lenço em cambraia de linho com retrato de Joaquim Nabuco, 18--]. Homenagem da Sociedade Ave Libertas (Grupo Feminino Abolicionista do Recife). Desenho de Antonio V. Cruz. Litografia de J. E. Purcell.

DOCUMENTOS ICONOGRÁFICOS



[Joaquim Nabuco aos quinze anos, em 1864]. Recife.



[Joaquim Nabuco em 1887, ano do seu casamento com Evelina Ribeiro]. Foto de A. Ducasble. Photographie Artistique.



[Evelina Torres Soares Ribeiro Nabuco de Araújo, esposa de Joaquim Nabuco, 189-]. Foto de Lafayette.



[Joaquim Nabuco de Araújo Filho, Maurício, Maria Carolina, Maria Ana, José Thomaz, filhos de Joaquim Nabuco, em 1903, no sul da França].



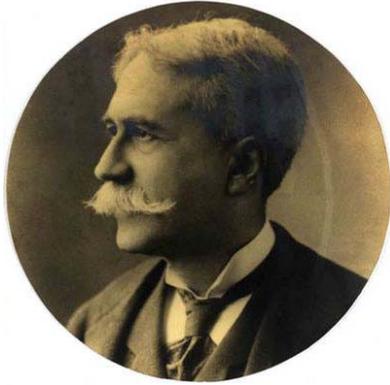
[José Thomaz Nabuco de Araújo, ca. 1908]. Washington.



[Joaquim Nabuco à época do seu primeiro mandato (1878-1880) como deputado pela província de Pernambuco, 1879]. Foto de A. Ducasble. Photographie Artistique.



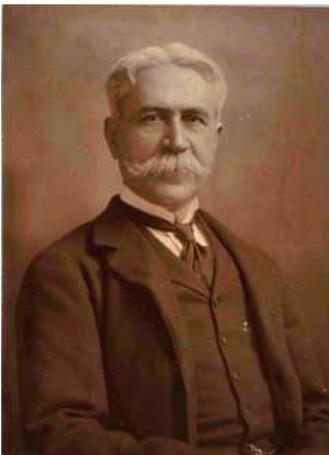
[Joaquim Nabuco, eleito novamente deputado por Pernambuco, 1885-1888]. Foto de A. Ducasble. Photographie Artistique. Pernambuco.



[Joaquim Nabuco em 1901].



[A Legação Brasileira em Londres, março de 1901]. Da esquerda para a direita: Graça Aranha, Silvino Gurgel do Amaral, Joaquim Nabuco, Domício da Gama e Oliveira Lima.



[Joaquim Nabuco em 1902, quando ministro plenipotenciário em Londres].



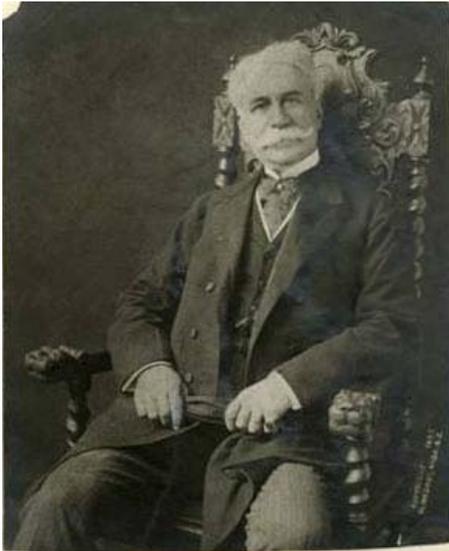
[Joaquim Nabuco e Alfredo de Barros Moreira, então encarregado de negócios, em Roma, 1904]. Foto de Flli d'Alessandri.



[Joaquim Nabuco ladeado por José Pereira da Graça Aranha e Carlos Magalhães de Azevedo, na mesma ocasião, 1904]. Roma. Foto de Flli d'Alessandri.



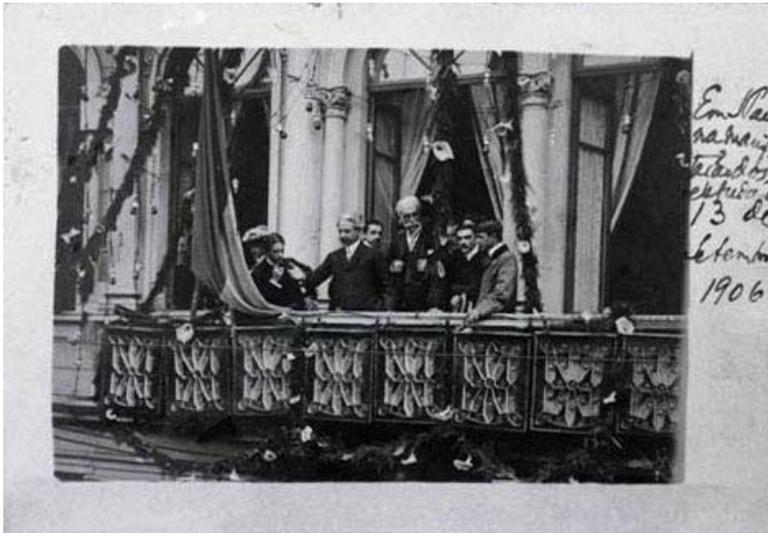
[Retrato do presidente dos Estados Unidos, Theodore Roosevelt, com dedicatória a Joaquim Nabuco, assinada pelo presidente, em 10 de dezembro de 1908]. Washington. Fotografia de Harris & Ewing,



[Joaquim Nabuco, primeiro embaixador junto ao governo dos Estados Unidos da América, 1905-1910]. Washington. Foto de Clinedinst.



[Joaquim Nabuco em carro aberto acompanhado por grupo de estudantes, em frente à Faculdade de Direito de São Paulo, 1906]. No verso - escrito por Joaquim Nabuco – lê-se: “Na Academia”. Foto de Guilherme Gaensly.



[Joaquim Nabuco em São Paulo]. Na borda da imagem lê-se a seguinte frase escrita por ele: “Em São Paulo na manifestação dos estudantes, 13 de setembro de 1906”.



[Cigarros Nabuco, 19--]. Rótulo de cigarro. L. Banks. Pernambuco.



[Príncipes da Liberdade – Joaquim Nabuco - José Mariano, 19--]. Rótulo de cigarro. Luzo Brasileira. Pernambuco.